

DA AUTOMAÇÃO À
MEDIÇÃO PEDAGÓGICA: O
PAPEL DOCENTE DIANTE
DA INTEGRAÇÃO DE
INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS
NO AMBIENTE ESCOLAR
CONTEMPORÂNEO

FROM AUTOMATION TO PEDAGOGICAL MEDIATION: THE TEACHING ROLE
IN THE INTEGRATION OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE IN THE
CONTEMPORARY SCHOOL ENVIRONMENT

Ciências Humanas • 12/05/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/778521739](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/778521739)

Danilo Cardoso de Andrade¹

Sarah Fragoso Braga²

Kleide de Andrade Ribeiro³

Jacqueline dos Santos⁴

RESUMO

O presente artigo analisa o papel docente diante da integração das Inteligências Artificiais no ambiente escolar contemporâneo, com ênfase na passagem de uma lógica centrada na automação para uma perspectiva de mediação pedagógica crítica, ética e humanizada. O estudo parte da compreensão de que a IA tem ocupado espaço crescente nas práticas educacionais, seja na produção de materiais, na personalização de percursos, na avaliação da aprendizagem ou na organização das atividades escolares. O objetivo geral consiste em analisar como o professor pode atuar como mediador pedagógico diante da presença dessas tecnologias, evitando que seu uso se limite à eficiência técnica e fortalecendo práticas educativas mais significativas. A justificativa está relacionada à necessidade de refletir sobre os desafios formativos, éticos e pedagógicos que acompanham a adoção da IA nas escolas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir de estudos recentes sobre Inteligência Artificial, formação docente, automação educacional, letramento digital e mediação pedagógica. Os resultados indicam que a IA pode ampliar possibilidades de ensino e aprendizagem, mas sua efetividade depende da intencionalidade docente, da formação continuada, do cuidado ético e da adequação às realidades escolares. Conclui-se que o professor permanece como sujeito indispensável na construção de sentidos, na seleção crítica dos recursos e na garantia de uma educação tecnologicamente inovadora, mas profundamente comprometida com a formação humana.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Mediação pedagógica; Formação docente.

ABSTRACT

This article analyzes the role of teachers in the integration of Artificial Intelligence into the contemporary school environment, emphasizing the transition from a logic centered on automation to a perspective of critical, ethical, and humanized pedagogical mediation. The study understands that AI has increasingly occupied educational practices, including the production of materials, the personalization of learning paths, assessment processes, and the organization of school activities. The general objective is to analyze how teachers can act as pedagogical mediators in the presence of these technologies, preventing their use from being limited to technical efficiency and strengthening more meaningful educational practices. The relevance of the study is associated with the need to reflect on the formative, ethical, and pedagogical challenges that accompany the adoption of AI in schools. Methodologically, this is bibliographic research with a qualitative approach, based on recent studies on Artificial Intelligence, teacher education, educational automation, digital literacy, and pedagogical mediation. The results indicate that AI can expand teaching and learning possibilities, but its effectiveness depends on teachers' intentionality, continuing education, ethical care, and adaptation to school realities. It is concluded that the teacher remains an indispensable subject in the construction of meaning, in the critical selection of resources, and in the guarantee of technologically innovative education that remains deeply committed to human development.

Keywords: Artificial Intelligence; Pedagogical mediation; Teacher education.

1. INTRODUÇÃO

A presença das tecnologias digitais no cotidiano escolar tem produzido mudanças profundas nas formas de ensinar, aprender, avaliar e interagir. Nos últimos anos, esse movimento ganhou maior intensidade com a expansão das Inteligências Artificiais, que passaram a ser utilizadas em plataformas educacionais, sistemas adaptativos, assistentes virtuais, produção de textos, organização de dados e acompanhamento da aprendizagem. De acordo com Abreu Pestana et al. (2025), a Inteligência Artificial na educação contemporânea precisa ser compreendida como fenômeno que ultrapassa a dimensão técnica, pois interfere diretamente na cultura escolar, nas práticas pedagógicas e nas relações entre professores e estudantes.

Nesse contexto, o tema "Da automação à mediação pedagógica: o papel docente diante da integração de Inteligências Artificiais no ambiente escolar contemporâneo" torna-se relevante por problematizar o modo como a IA vem sendo inserida nas escolas. A automação pode facilitar tarefas repetitivas, otimizar processos e apoiar a personalização do ensino, mas não deve reduzir a educação a uma lógica operacional. Ribeiro et al. (2026) destacam que o uso da IA no ensino contemporâneo exige atenção às implicações éticas e pedagógicas, especialmente quando envolve decisões sobre aprendizagem, avaliação, dados e acompanhamento dos estudantes.

O objetivo geral deste estudo é analisar o papel docente diante da integração das Inteligências Artificiais no ambiente escolar contemporâneo, compreendendo de que forma essas tecnologias podem deixar de ser apenas instrumentos de automação e passar a contribuir para a mediação pedagógica, a personalização da aprendizagem e o fortalecimento das práticas educativas. Como

objetivos específicos, busca-se compreender as transformações provocadas pela IA no contexto educacional, identificar desafios, limites e possibilidades enfrentados pelos professores e discutir a importância da mediação docente para um uso crítico, ético e inclusivo dessas ferramentas.

A justificativa da pesquisa está relacionada à necessidade de refletir sobre o lugar do professor em um cenário no qual a tecnologia parece assumir funções cada vez mais complexas. Embora algumas atividades possam ser automatizadas, como correções, sugestões de conteúdos e organização de trilhas de estudo, a docência continua exigindo sensibilidade, escuta, interpretação pedagógica e compromisso com a formação integral. Freitas et al. (2026) afirmam que a docência em tempos de Inteligência Artificial se situa entre a mediação humana e a automação, exigindo equilíbrio entre inovação tecnológica e responsabilidade educativa.

Metodologicamente, o artigo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, com análise de produções científicas recentes que discutem Inteligência Artificial, formação docente, letramento digital, automação educacional e mediação pedagógica. A opção por esse tipo de pesquisa permite compreender o estado atual das discussões e reunir diferentes contribuições teóricas sobre o fenômeno investigado. Assim, a investigação orienta-se pelo seguinte problema de pesquisa: de que forma o professor pode atuar como mediador pedagógico diante da integração das Inteligências Artificiais no ambiente escolar contemporâneo, superando o uso meramente automatizado dessas tecnologias e promovendo práticas educativas mais críticas, éticas, inclusivas e significativas para o processo de aprendizagem dos estudantes?

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA OU REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Inteligência Artificial e Transformações no Ambiente Escolar Contemporâneo

A Inteligência Artificial vem se consolidando como uma das principais expressões das transformações digitais que atravessam a educação contemporânea. Sua presença nas escolas não se limita ao uso de ferramentas tecnológicas isoladas, mas envolve novos modos de produzir informações, organizar processos pedagógicos, acompanhar trajetórias de aprendizagem e propor experiências mais personalizadas aos estudantes. De acordo com Abreu Pestana et al. (2025), a IA na educação contemporânea precisa ser compreendida como uma tecnologia capaz de reorganizar práticas escolares, desde que seja utilizada com intencionalidade pedagógica e não apenas como recurso de produtividade.

No ambiente escolar, a IA pode aparecer em plataformas de aprendizagem adaptativa, sistemas de recomendação de conteúdos, corretores automatizados, assistentes de escrita, tutores virtuais e ferramentas de análise de desempenho. Esses recursos podem auxiliar o professor na identificação de dificuldades, no planejamento de intervenções e na oferta de atividades mais adequadas às necessidades de cada estudante. Farias et al. (2025) ressaltam que os impactos da Inteligência Artificial no processo de ensino e aprendizagem estão diretamente relacionados ao desenvolvimento do letramento digital, pois estudantes e professores precisam compreender como essas tecnologias funcionam, quais limites apresentam e de que modo podem ser usadas de forma crítica.

A escola contemporânea, portanto, passa a conviver com um cenário em que o conhecimento não está apenas nos livros, nas exposições docentes ou nos materiais impressos, mas também em ambientes digitais inteligentes que respondem, sugerem, analisam e produzem conteúdos. Essa mudança amplia possibilidades, mas também exige cuidado para que a aprendizagem não seja confundida com consumo rápido de respostas. Conforme Champagnatte et al. (2025), o avanço da IA como mediadora educacional revela potencialidades importantes, mas demanda reflexão sobre a função pedagógica dos recursos e sobre a forma como eles se articulam aos objetivos formativos da escola.

Entre as principais transformações provocadas pela IA está a personalização da aprendizagem. Por meio da análise de dados, algumas plataformas conseguem indicar atividades, trilhas ou conteúdos de acordo com o desempenho do estudante. Essa possibilidade pode favorecer intervenções mais rápidas e acompanhamento mais próximo, sobretudo em turmas numerosas. Contudo, Lima et al. (2024) lembram que a automação na educação precisa ser discutida com atenção, pois os sistemas inteligentes não são neutros e podem reproduzir critérios, filtros e padrões que nem sempre consideram a complexidade da experiência escolar.

Outro aspecto importante diz respeito à reorganização do tempo docente. Quando determinadas tarefas administrativas ou repetitivas são automatizadas, o professor pode dedicar mais atenção ao planejamento, à escuta dos estudantes, à análise qualitativa dos processos e à construção de vínculos. No entanto, essa possibilidade só se concretiza quando a tecnologia é incorporada como apoio e não como mecanismo de controle ou intensificação do trabalho. Junqueira et al. (2025) observam que a

aprendizagem adolescente na era da IA apresenta tensões e potencialidades, pois os estudantes lidam com novas práticas digitais, mas continuam necessitando de orientação, diálogo e acompanhamento pedagógico.

As transformações trazidas pela IA também atingem a avaliação escolar. Ferramentas inteligentes podem gerar relatórios, mapear avanços, identificar padrões de erro e sugerir estratégias de recuperação. Ainda assim, a avaliação da aprendizagem não pode ser reduzida a indicadores automáticos, pois envolve compreensão do contexto, leitura das trajetórias individuais e análise das condições de participação dos estudantes. Ribeiro et al. (2026) destacam que as implicações pedagógicas e éticas da IA exigem que os educadores questionem os critérios utilizados pelas plataformas, especialmente quando os resultados produzidos por algoritmos influenciam decisões escolares.

Dessa forma, a Inteligência Artificial transforma o ambiente escolar ao ampliar recursos, acelerar processos e oferecer novas formas de acompanhamento pedagógico. Entretanto, sua contribuição depende da capacidade da escola de integrar tais ferramentas a um projeto educativo humanizador. Vicente et al. (2025) afirmam que ensinar e aprender em tempos complexos exige reconhecer o professor como sujeito central das mudanças, pois é ele quem interpreta as necessidades dos estudantes, contextualiza os recursos e transforma a tecnologia em oportunidade real de aprendizagem.

2.2. O Papel Docente Diante da Automação Educacional

A automação educacional tem provocado importantes debates sobre o futuro da docência e sobre os limites da tecnologia no

processo de ensino e aprendizagem. Em muitos contextos, a IA é apresentada como solução capaz de corrigir atividades, gerar conteúdos, organizar planos, responder dúvidas e acompanhar desempenhos. Embora essas funções sejam relevantes, elas não substituem o trabalho pedagógico, pois ensinar envolve muito mais do que transmitir informações ou executar procedimentos. De acordo com Freitas et al. (2026), a docência em tempos de Inteligência Artificial precisa ser compreendida na tensão entre automação e mediação humana, reconhecendo que a tecnologia pode apoiar o professor, mas não ocupar seu lugar formativo.

O papel docente diante da automação não deve ser de rejeição automática nem de adesão acrítica. O professor precisa compreender as possibilidades da IA, selecionar ferramentas adequadas, avaliar seus impactos e orientar os estudantes para um uso responsável. Esse posicionamento exige formação, reflexão ética e domínio pedagógico. Júnior et al. (2025) apontam que os docentes na era da IA enfrentam o desafio de desenvolver novas competências, entre elas a curadoria digital, a análise crítica de informações, a proteção de dados, a mediação tecnológica e a capacidade de integrar recursos digitais aos objetivos de aprendizagem.

Quando a IA é utilizada apenas para acelerar tarefas, corre-se o risco de fortalecer uma educação mecânica, centrada em respostas prontas e em resultados imediatos. Nesse caso, a automação pode empobrecer a experiência escolar, pois reduz o espaço da dúvida, da investigação, do diálogo e da construção coletiva do conhecimento. Lima et al. (2024) discutem que a automação na educação precisa ser analisada como fenômeno político e pedagógico, visto que os sistemas inteligentes influenciam decisões, organizam percursos e

podem redefinir o modo como professores e estudantes compreendem o aprender.

Por outro lado, quando orientada pela intencionalidade docente, a IA pode se tornar uma aliada importante. Ela pode ajudar o professor a diversificar estratégias, propor atividades diferenciadas, criar materiais acessíveis, apoiar estudantes com dificuldades e ampliar possibilidades de participação. Candito et al. (2025), ao discutirem formação de professores para uso de tecnologias educacionais, ressaltam que a inovação só ganha sentido quando vinculada às práticas educativas e às necessidades reais da sala de aula, evitando que o recurso tecnológico seja utilizado apenas como novidade.

Nesse processo, o professor assume a função de curador pedagógico. Isso significa selecionar, adaptar, contextualizar e problematizar os conteúdos gerados ou sugeridos pela IA. A ferramenta pode produzir uma resposta, mas cabe ao docente questionar sua qualidade, sua pertinência, seus vieses, sua linguagem e sua adequação ao nível dos estudantes. Farias et al. (2025) destacam que o letramento digital é indispensável para que a comunidade escolar compreenda as tecnologias de forma crítica, reconhecendo que a IA não deve ser tratada como fonte absoluta de verdade.

O professor também exerce papel essencial na formação ética dos estudantes. Em uma realidade em que ferramentas de IA podem produzir textos, imagens, resumos e respostas em poucos segundos, torna-se necessário discutir autoria, responsabilidade, plágio, confiabilidade das informações e uso consciente dos dados. Nunez (2025), em relato sobre o uso da IA na docência do ensino técnico,

evidencia que competências, ética e mediação pedagógica precisam caminhar juntas, pois a inserção da tecnologia no ensino exige orientação permanente e critérios claros de utilização.

Além disso, a automação educacional deve ser observada a partir das desigualdades presentes nas escolas. Nem todos os estudantes possuem acesso adequado à internet, dispositivos atualizados, ambientes de estudo ou repertório digital suficiente. Nesse sentido, a mediação docente torna-se ainda mais necessária para evitar que a IA aprofunde exclusões já existentes. Bernardes et al. (2025) afirmam que o letramento digital e a formação docente são elementos centrais diante dos novos paradigmas trazidos pela IA, pois garantem que a inovação tecnológica seja acompanhada de inclusão, criticidade e responsabilidade pedagógica.

Assim, o papel docente diante da automação educacional não desaparece, mas se transforma. O professor deixa de ser apenas transmissor de conteúdos e passa a atuar como mediador, orientador, curador, avaliador crítico e formador ético. A IA pode automatizar procedimentos, mas não consegue substituir a presença humana que acolhe, percebe, interpreta, encoraja e reconstrói caminhos de aprendizagem. Vicente et al. (2025) defendem que o professor continua sendo figura essencial em tempos complexos, pois sua atuação permite transformar mudanças tecnológicas em experiências educativas com sentido social e humano.

2.3. Mediação Pedagógica, Ética e Formação Docente para o Uso da Inteligência Artificial

A mediação pedagógica é um dos elementos mais importantes para compreender o uso da Inteligência Artificial na escola contemporânea. A IA, por si só, não garante aprendizagem, inclusão ou pensamento crítico. Ela precisa ser inserida em práticas planejadas, acompanhadas e avaliadas pelo professor, considerando os objetivos educacionais, as características dos estudantes e os valores formativos da escola. De acordo com Caitano et al. (2025), a Inteligência Artificial como agente pedagógico apresenta potencialidades, mas também riscos éticos que exigem formação docente e critérios claros para sua utilização.

Mediar pedagogicamente o uso da IA significa criar condições para que a tecnologia deixe de ser uma resposta automática e se torne parte de um processo de investigação, reflexão e construção do conhecimento. O professor pode utilizar ferramentas inteligentes para propor comparações, revisar hipóteses, ampliar repertórios, estimular perguntas e desenvolver atividades colaborativas. Champagnatte et al. (2025) afirmam que a IA pode atuar como mediadora educacional na perspectiva contemporânea, mas sua efetividade depende de como é integrada à prática pedagógica e de quais finalidades orientam seu uso.

A dimensão ética ocupa lugar central nesse debate. Ferramentas de IA lidam com dados, produzem recomendações, organizam informações e podem influenciar decisões escolares. Por isso, é necessário discutir privacidade, transparência, autoria, segurança digital, vieses algorítmicos e responsabilidade no uso das plataformas. Ribeiro et al. (2026) destacam que as implicações éticas e pedagógicas da IA no ensino contemporâneo exigem uma postura crítica dos educadores, sobretudo para evitar que decisões automatizadas sejam aceitas sem análise humana.

A formação docente, nesse contexto, torna-se condição indispensável para o uso consciente da IA. Não basta oferecer ferramentas à escola se os professores não forem apoiados para compreendê-las, avaliá-las e integrá-las ao currículo. A formação precisa ir além de oficinas técnicas e promover reflexão sobre prática pedagógica, inclusão, avaliação, planejamento e cultura digital. Candito et al. (2025) ressaltam que a formação de professores para o uso de tecnologias educacionais deve estar vinculada às práticas educativas, permitindo que o docente se aproprie dos recursos de maneira contextualizada e significativa.

Outro aspecto relevante é o letramento digital docente. O professor precisa desenvolver capacidade de interpretar informações produzidas pela IA, reconhecer limitações das plataformas, identificar possíveis erros e orientar os estudantes quanto ao uso responsável desses recursos. Bernardes et al. (2025) defendem que o letramento digital e a formação docente são fundamentais diante dos novos paradigmas associados à IA, pois favorecem uma apropriação crítica da tecnologia e evitam que o ensino seja conduzido por mecanismos automatizados sem reflexão pedagógica.

A mediação pedagógica também envolve cuidado com a inclusão. A IA pode auxiliar na criação de materiais adaptados, na oferta de diferentes formatos de conteúdo e na ampliação de recursos de acessibilidade. Porém, se mal utilizada, pode ampliar desigualdades, principalmente em contextos de baixa infraestrutura tecnológica ou de acesso limitado à internet. Farias et al. (2025) observam que os impactos da IA no ensino e aprendizagem dependem das condições de letramento digital e das possibilidades concretas de acesso, o que exige políticas escolares comprometidas com equidade.

No cotidiano da sala de aula, o professor pode transformar a IA em objeto de aprendizagem e não apenas em ferramenta de apoio. Isso significa ensinar os estudantes a perguntar melhor, comparar respostas, verificar fontes, reconhecer limites, produzir com autoria e compreender que a tecnologia não substitui a interpretação humana. Nunez (2025) evidencia que o uso da IA na docência requer competências específicas, ética e mediação pedagógica, especialmente quando o objetivo é formar sujeitos capazes de utilizar a tecnologia com autonomia e responsabilidade.

Portanto, a integração da IA à educação exige uma formação docente permanente, crítica e situada. O professor precisa ser apoiado institucionalmente, ter acesso a condições adequadas de trabalho e participar das decisões sobre as tecnologias adotadas pela escola. Júnior et al. (2025) afirmam que os docentes enfrentam competências e desafios específicos na educação contemporânea, e tais desafios não podem ser resolvidos apenas com ferramentas, mas com políticas formativas, reflexão coletiva e valorização do trabalho pedagógico. Assim, a mediação docente permanece como eixo central para que a IA seja usada de modo ético, inclusivo e humanizador.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa e natureza exploratória, pois buscou compreender, a partir de produções científicas recentes, como a Inteligência Artificial tem sido discutida no campo educacional e quais implicações esse fenômeno apresenta para o papel docente. A pesquisa bibliográfica permite reunir, analisar e interpretar contribuições já publicadas sobre determinado tema, favorecendo a

construção de uma base teórica consistente para a compreensão do problema investigado. De acordo com Severino (2016), esse tipo de pesquisa é relevante porque possibilita ao pesquisador dialogar com estudos anteriores, organizar conceitos e construir interpretações fundamentadas sobre o objeto de análise.

Para o levantamento dos materiais, foram utilizados descritores relacionados ao tema central do artigo, tais como: "Inteligência Artificial na educação", "mediação pedagógica", "automação educacional", "formação docente e IA", "letramento digital", "ética na Inteligência Artificial" e "tecnologias educacionais". Esses descritores foram combinados de diferentes formas com o objetivo de ampliar o alcance da busca e localizar estudos que abordassem tanto os aspectos pedagógicos quanto os desafios éticos e formativos relacionados à integração da IA no ambiente escolar contemporâneo.

As buscas foram realizadas em plataformas e bases de acesso acadêmico, como Google Acadêmico, SciELO, Portal de Periódicos CAPES, revistas científicas da área de educação e repositórios institucionais. Foram priorizadas publicações recentes, especialmente dos anos de 2024, 2025 e 2026, por se tratar de um tema em constante atualização. A seleção dos textos considerou a proximidade com os objetivos da pesquisa e a contribuição dos estudos para a discussão sobre automação, mediação pedagógica, formação docente, letramento digital, ética e práticas educacionais com apoio da IA.

Como critérios de inclusão, foram selecionados artigos científicos, relatos de experiência e estudos teóricos publicados em língua portuguesa, com foco na educação básica, na formação de

professores ou nas implicações pedagógicas da IA. Também foram incluídos textos que apresentavam discussões sobre tecnologias educacionais, inovação, mediação docente e competências digitais. Como critérios de exclusão, foram descartados materiais sem relação direta com o tema, textos opinativos sem fundamentação acadêmica, publicações duplicadas, estudos voltados exclusivamente para áreas técnicas da computação sem diálogo com a educação e materiais que não apresentavam informações suficientes para análise.

Após a seleção, os textos foram lidos de forma analítica, buscando identificar conceitos, argumentos, convergências e tensões presentes na literatura. A análise foi organizada em torno de três eixos principais: as transformações provocadas pela IA no ambiente escolar, o papel docente diante da automação educacional e a necessidade de mediação pedagógica, ética e formação docente. Esse percurso metodológico permitiu construir uma discussão articulada entre os objetivos do estudo, o problema de pesquisa e os referenciais selecionados, favorecendo uma compreensão crítica sobre o lugar do professor diante da integração das Inteligências Artificiais na educação contemporânea.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da pesquisa bibliográfica indicam que a integração da Inteligência Artificial no ambiente escolar contemporâneo tem produzido mudanças significativas nas práticas pedagógicas, mas também revela desafios que não podem ser ignorados. O primeiro achado refere-se ao crescimento do uso da IA como recurso de apoio ao ensino, especialmente em atividades de planejamento, produção de materiais, personalização de conteúdos e

acompanhamento da aprendizagem. De acordo com Abreu Pestana et al. (2025), a IA na educação contemporânea amplia possibilidades de atuação pedagógica, desde que seja compreendida como instrumento de apoio e não como substituição da presença docente.

Outro resultado importante diz respeito à tensão entre automação e mediação pedagógica. A literatura analisada mostra que a automação pode contribuir para tornar alguns processos mais rápidos, como correção de atividades, organização de dados e elaboração de propostas didáticas. No entanto, quando utilizada sem reflexão crítica, pode reduzir a complexidade do ensino a respostas padronizadas. Freitas et al. (2026) afirmam que a docência em tempos de IA exige equilíbrio entre o uso das ferramentas e a preservação da mediação humana, pois o professor continua sendo responsável por interpretar contextos, perceber necessidades e atribuir sentido às experiências de aprendizagem.

A pesquisa também evidenciou que a formação docente é um dos elementos centrais para a efetiva integração da IA na escola. Muitos professores ainda enfrentam insegurança diante das ferramentas digitais, seja por falta de domínio técnico, seja por ausência de discussões pedagógicas sobre seus usos. Júnior et al. (2025) destacam que os docentes precisam desenvolver competências específicas para atuar na era da IA, incluindo curadoria de informações, análise crítica, ética digital e capacidade de planejar atividades em que a tecnologia esteja vinculada aos objetivos educacionais.

Tabela 1 - Principais achados da pesquisa bibliográfica

Achado identificado	Discussão principal	Autores relacionados
Ampliação do uso da IA na educação	A IA aparece em plataformas adaptativas, assistentes virtuais, produção de materiais e organização de dados pedagógicos.	Abreu Pestana et al. (2025); Farias et al. (2025)
Tensão entre automação e mediação	A automação facilita tarefas, mas não substitui a escuta, a análise e a intervenção pedagógica do professor.	Freitas et al. (2026); Lima et al. (2024)
Necessidade de formação docente	O uso crítico da IA exige competências digitais, curadoria, ética, planejamento e reflexão sobre a prática.	Júnior et al. (2025); Candito et al. (2025)
Desafios éticos e pedagógicos	A IA envolve riscos relacionados a privacidade, autoria, vieses, confiabilidade das informações e decisões automatizadas.	Ribeiro et al. (2026); Caitano et al. (2025)
Potencial para inclusão e personalização	A IA pode apoiar trilhas personalizadas e materiais adaptados, mas depende de acesso, infraestrutura e mediação humana.	Bernardes et al. (2025); Junqueira et al. (2025)

Fonte: Autores, 2026.

A tabela evidencia que os principais achados se concentram em cinco dimensões: expansão da IA, tensão entre automação e mediação, formação docente, desafios éticos e potencial inclusivo. Esses aspectos demonstram que a discussão sobre IA na educação não pode ser restrita à escolha de ferramentas, pois envolve decisões pedagógicas, institucionais e humanas. Lima et al. (2024) contribuem para essa compreensão ao discutir que a automação na

educação precisa ser analisada criticamente, uma vez que pode reorganizar práticas escolares e influenciar decisões sobre ensino, avaliação e aprendizagem.

No campo pedagógico, os estudos mostram que a IA pode favorecer a personalização da aprendizagem, especialmente quando oferece dados sobre o desempenho dos estudantes e sugere estratégias de acompanhamento. Entretanto, essa personalização não deve ser confundida com individualização mecânica ou isolamento do estudante diante de uma plataforma. Junqueira et al. (2025) observam que a aprendizagem adolescente na era da IA envolve práticas, tensões e potencialidades, exigindo que a escola mantenha espaços de convivência, diálogo e construção coletiva do conhecimento.

Outro ponto discutido nos estudos é o letramento digital. A IA amplia a necessidade de que professores e estudantes saibam avaliar informações, verificar fontes, compreender limites das ferramentas e reconhecer possíveis erros ou vieses. Farias et al. (2025) afirmam que os impactos da IA no processo de ensino e aprendizagem estão diretamente associados ao desenvolvimento do letramento digital, pois a apropriação crítica das tecnologias depende da capacidade de compreender seu funcionamento e suas implicações.

Os resultados também apontam para riscos éticos relevantes. A utilização de ferramentas inteligentes envolve coleta de dados, produção automática de conteúdos, sugestões de desempenho e, em alguns casos, tomada de decisões por sistemas algorítmicos. Ribeiro et al. (2026) destacam que as implicações éticas e pedagógicas da IA exigem atenção à privacidade, à autoria, à

transparência e à responsabilidade humana. Assim, a escola precisa estabelecer critérios para o uso dessas ferramentas, evitando que a tecnologia seja incorporada sem debate coletivo.

No que se refere à inclusão, a literatura indica que a IA pode apoiar a criação de materiais acessíveis, recursos adaptados e percursos diferenciados de aprendizagem. Contudo, esse potencial depende das condições reais das escolas, do acesso dos estudantes aos dispositivos e da formação dos professores para utilizar tais recursos de modo equitativo. Bernardes et al. (2025) reforçam que letramento digital e formação docente constituem pilares para enfrentar os novos paradigmas educacionais trazidos pela IA, evitando que a inovação amplie desigualdades já existentes.

A discussão dos resultados permite afirmar que a IA deve ser compreendida como recurso de apoio à mediação pedagógica, e não como centro do processo educativo. O professor permanece indispensável porque é ele quem reconhece as singularidades dos estudantes, interpreta suas dificuldades, acolhe suas trajetórias e transforma informações em intervenções significativas. Vicente et al. (2025) defendem que o papel do professor diante das mudanças continua sendo essencial, pois ensinar em tempos complexos exige presença humana, sensibilidade pedagógica e capacidade de orientar os estudantes em meio ao excesso de informações.

Dessa maneira, o estudo revela que a passagem da automação à mediação pedagógica depende de uma mudança de perspectiva. A IA não deve ser adotada apenas para acelerar processos, mas para qualificar o ensino, ampliar possibilidades de participação e fortalecer a aprendizagem. Caitano et al. (2025) lembram que a IA como agente pedagógico apresenta potencialidades e riscos, o que

exige formação docente, critérios éticos e acompanhamento contínuo. Portanto, os achados confirmam que a integração da IA só se torna pedagogicamente relevante quando articulada à intencionalidade docente e ao compromisso da escola com uma educação crítica, inclusiva e humanizadora.

5. CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o papel docente diante da integração das Inteligências Artificiais no ambiente escolar contemporâneo, compreendendo de que forma essas tecnologias podem deixar de ser apenas instrumentos de automação e passar a contribuir para a mediação pedagógica. A partir da pesquisa bibliográfica realizada, foi possível perceber que a IA já ocupa espaço significativo na educação, especialmente em plataformas adaptativas, assistentes virtuais, ferramentas de produção de conteúdos, sistemas de avaliação e recursos de acompanhamento da aprendizagem. No entanto, os estudos analisados demonstram que sua presença, por si só, não garante melhoria da qualidade educacional.

O problema de pesquisa foi respondido ao evidenciar que o professor pode atuar como mediador pedagógico quando utiliza a IA de forma crítica, ética, planejada e contextualizada. Isso significa superar o uso meramente automatizado das ferramentas e integrá-las a práticas que favoreçam a reflexão, a participação, a autonomia e a aprendizagem significativa dos estudantes. A mediação docente permanece essencial porque é o professor quem interpreta os dados, acolhe as necessidades dos alunos, orienta o uso responsável da tecnologia e transforma os recursos digitais em experiências educativas com sentido humano.

Os objetivos específicos também foram contemplados ao longo do estudo. Foi possível compreender as transformações provocadas pela IA no contexto educacional, identificar desafios e possibilidades enfrentados pelos professores e discutir a importância da formação docente para o uso ético e inclusivo dessas tecnologias. A pesquisa mostrou que a IA pode apoiar a personalização da aprendizagem, a produção de materiais e a organização de processos pedagógicos, mas também apresenta riscos relacionados à privacidade, à autoria, aos vieses algorítmicos, à dependência tecnológica e à ampliação das desigualdades digitais.

Conclui-se, portanto, que a Inteligência Artificial deve ser compreendida como ferramenta de apoio à docência e não como substituta do professor. A passagem da automação à mediação pedagógica exige formação continuada, infraestrutura adequada, políticas institucionais claras e compromisso ético com a formação integral dos estudantes. Para pesquisas futuras, sugere-se a realização de estudos de campo em escolas que já utilizam ferramentas de IA, investigando as percepções de professores e estudantes, os impactos nas práticas pedagógicas e as condições necessárias para que a tecnologia seja incorporada de forma crítica, inclusiva e humanizadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU PESTANA, Douglas Manoel Antonio et al. Inteligência artificial na educação contemporânea. *Revista Processando o Saber*, v. 17, p. 51-73, 2025.

BERNARDES, Tatiana Carolina et al. Letramento digital, formação docente e os novos paradigmas frente aos avanços do uso da

Inteligência Artificial na educação. Caderno Pedagógico, v. 22, n. 14, p. e22378-e22378, 2025.

CAITANO, Tomé Fernandes et al. A inteligência artificial como agente pedagógico: potencialidades e riscos éticos na formação docente. Revista Políticas Públicas & Cidades, v. 14, n. 5, p. e2245-e2245, 2025.

CANDITO, Vanessa; MENEZES, Karla Mendonça; RODRIGUES, Carolina Braz Carlan. A formação de professores para uso da robótica e das tecnologias educacionais nas práticas educativas. Ideação, v. 27, n. 1, p. 9-19, 2025.

CHAMPANGNATTE, Dostoiewski; DO NASCIMENTO, Cádimo Carvalho. O avanço da inteligência artificial como mediadora educacional na perspectiva contemporânea e global. INTERFERENCE: A JOURNAL OF AUDIO CULTURE, v. 11, n. 2, p. 2372-2418, 2025.

FARIAS, Daise Liane Guarda et al. Tecnologias, inovação e letramento digital na educação: os impactos da Inteligência Artificial no processo de ensino e aprendizagem. Caderno Pedagógico, v. 22, n. 13, p. e21518-e21518, 2025.

FREITAS, Claret Aparecida et al. Entre a mediação humana e a automação: a docência em tempos de inteligência artificial. Revista Tópicos, v. 4, n. 30, p. 1-20, 2026.

JUNQUEIRA, Joice Marisa Gorgen et al. Aprendizagem adolescente na era da inteligência artificial: práticas, tensões e potencialidades na escola contemporânea. Editora Impacto Científico, p. 866-877, 2025.

JÚNIOR, João Fernando Costa et al. Docentes na era da inteligência artificial: competências e desafios na educação contemporânea. ARACÊ, v. 7, n. 2, p. 8815-8832, 2025.

LIMA, Giselle de Moraes; FERREIRA, Giselle Martins dos Santos; CARVALHO, Jaciara de Sá. Automação na educação: caminhos da discussão sobre a inteligência artificial. Educação e Pesquisa, v. 50, p. e273857, 2024.

NUNEZ, Benito Piruk. Relato de experiência sobre o uso da inteligência artificial na docência do ensino técnico: competências, ética e mediação pedagógica. Revista CBTecLE, v. 9, n. 2, p. 079-085, 2025.

RIBEIRO, Gilson Alves et al. O uso da inteligência artificial na educação: implicações éticas e pedagógicas no ensino contemporâneo. Revista OWL (OWL Journal): Revista Interdisciplinar de Ensino e Educação, v. 4, n. 4, p. 1-25, 2026.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

VICENTE, Alan Baltazar et al. Ensinar e aprender em tempos complexos: o papel do professor diante das mudanças. Educação & Inovação, 2025.

¹ Mestrado em Música pela Universidade: UFPB. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

² Mestre em Educação pela Uninq Christian University. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

³ mestrado pela Universidade Christian College of Educaler. E-mail:
[acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁴ Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Christian College of Educaler. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)